

Sexualidad, Salud y Sociedad

REVISTA LATINOAMERICANA

ISSN 1984-6487 / n. 40 / 2024 - e22312 / Duarte, L. / www.sexualidadsaludysociedad.org

DOSSIÊ

—

OS SABERES SOBRE A SEXUALIDADE E SUA INSTITUCIONALIDADE: comentário à Mesa Saberes sobre a sexualidade

Luiz F. D. Duarte¹

> lfdduarte@uol.com.br

ORCID: 0000-0001-7610-1527

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, Brasil

Copyright © 2024 Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original work is properly cited.

<http://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2024.40.e22312.a.pt>

Resumo: O comentário se centra na dimensão da construção e manutenção de “instituições”, das quais dependem os saberes e as práticas da sexualidade, ressaltando como esse tema transparece nas diversas comunicações apresentadas. São evocadas contribuições clássicas sobre o fenômeno da institucionalização, desde a noção de cultura objetiva em Simmel até os conceitos de episteme, dispositivo, micropolítica, governamentalidade em Foucault, passando por alguns outros autores. A biomedicina, a psiquiatria e a sexologia são exemplos trazidos à mesa de forte e constituinte institucionalidade relativa à sexualidade; mas também as próprias trajetórias pessoais, em que a densa afetividade atualiza – não sem mascarar – a marcante dimensão institucional envolvida.

Palavras-chave: sexualidade; instituição; corpo; sensibilidade; biomedicina.

THE KNOWLEDGE ABOUT SEXUALITY AND ITS INSTITUTIONALITY: a comment about the roundtable “Knowledge about Sexuality”

Abstract: The commentary focuses on the construction and maintenance of “institutions” that are responsible for the knowledge and practices of sexuality, highlighting how this theme is reflected in the various communications presented. Classical contributions are evoked about the institutionalization phenomenon, from the notion of objective culture in Simmel to the concepts of episteme, device, micropolitics, governmentality in Foucault, passing by some other authors. Biomedicine, psychiatry and sexology are examples brought to the table of strong and constitutive institutionalality related to sexuality; but also the very personal trajectories, in which dense affectivity eventuates – not without a certain veiling – the definite institutional dimension involved.

Keywords: sexuality; institution; body; sensibility; biomedicine.

LOS SABERES SOBRE LA SEXUALIDAD Y SU INSTITUCIONALIDAD: comentario sobre la Mesa “Saberes sobre la sexualidad”

Resumen: El comentario se centra en la dimensión de construcción y mantenimiento de “instituciones”, de las que dependen los saberes y las prácticas de la sexualidad, destacando cómo este tema trasciende en las diversas comunicaciones presentadas. Se evocan contribuciones clásicas sobre el fenómeno de la institucionalización, desde la noción de cultura objetiva en Simmel hasta los conceptos de episteme, dispositivo, micropolítica, gobernabilidad en Foucault, pasando por otros autores. La biomedicina, la psiquiatria y la sexología son ejemplos traídos a la mesa de fuerte y constituyente institucionalidad relativa a la sexualidad; pero también las propias trayectorias personales, en las que la densa afectividad actualiza – no sin enmascarar – la marcada dimensión institucional implicada.

Palabras clave: sexualidad; institución; cuerpo; sensibilidad; biomedicina.

OS SABERES SOBRE A SEXUALIDADE E SUA INSTITUCIONALIDADE: comentário à Mesa Saberes sobre a sexualidade

Manifesto inicialmente minha satisfação em participar desta celebração do sucesso do CLAM ao longo de duas décadas. Embora nunca tenha trabalhado diretamente em sua organização, sinto-me como um companheiro de viagem privilegiado – dada minha longa amizade e convivência intelectual com Sergio Carrara, Jane Russo e Malu Heilborn; e com tantos outros e outras colegas, ex-alunos e alunas, antigos orientandos e orientandas, que vieram posteriormente a compor o quadro institucional. Privilegiado também por ter sempre tido o bônus de um espaço acadêmico aberto e enriquecedor, sem os duros ônus administrativos e financeiros que pesaram sobre os ombros da equipe dirigente.

Felicito-me pela oportunidade de debater uma mesa que enfrenta o tema dos saberes sobre a sexualidade, em seu multiforme espraiamento e imbricação em práticas, intervenções, tecnologias e instituições. Ao ler duas das comunicações (de Fabíola Rohden e de Mauro Brigeiro) e ao ouvir suas versões orais, assim como as que se seguiram, de Jaime Barrientos e Bruno Zilli, decidi focar minha contribuição crítica na categoria da “institucionalidade” – esse lugar estratégico onde os saberes tomam forma e se difundem intelectual ou praticamente, permitindo que se fertilizem e multipliquem na forma canônica do campo acadêmico ocidental moderno.

Lembrei-me mesmo do projeto mais ambicioso que coordenei no âmbito do CLAM, ao lado de Jane Russo e de Ana Jacó-Vilela (do Instituto de Psicologia da UERJ), voltado explicitamente para a relação entre saberes e institucionalidade. Chamava-se “A Institucionalização dos Saberes Psicológicos no Brasil (Rio de Janeiro): uma Contribuição à Antropologia da Pessoa Ocidental Moderna” e funcionou de 1996 a 2003, como projeto integrado do CNPq. Estavam em jogo as complexas e ubíquas institucionalidades que se foram constituindo no processo de “institucionalização” daqueles saberes tão críticos para a conformação dos sujeitos moderno-contemporâneos. Se estamos todo o tempo às voltas com os efeitos de dois séculos de elucubrações sobre a condição do ser pessoa em nossa cultura, isso só se deve ao fato de que sua “cultura subjetiva” (sensu Georg Simmel, 1971), ou seja, suas vivências intelectuais e afetivas, pôde ser transformada em “cultura objetiva” – formas estabilizadas, compartilháveis e reprodutíveis ao longo do espaço e do tempo: linguagem, direito, terapêuticas, cui-

dados corporais, meios de satisfação, educação, organizações de pesquisa e de ensino. Trata-se do feito que faz, que é “produtivo”.

Alguns de nossos predecessores trataram mais diretamente desse efeito de institucionalidade. Penso logo em Michel Foucault, que nos legou todo um aparato de recursos analíticos a esse respeito: episteme, dispositivo, micropolítica, governamentalidade. Mas a ele se agregam o Louis Althusser dos “aparelhos de Estado”, o Pierre Bourdieu dos “campos”, o Bruno Latour do “laboratório”, ou a Lygia Sigaud das “formas” sociais. Veja-se que não se trata apenas de “pessoas jurídicas” (embora o chamado “institution building” seja uma de suas manifestações), mas de efeitos mesmo muito sutis, como uma forma de linguagem ou um conjunto de classificações. Há toda uma literatura a demonstrar como essa cultura objetiva opera como “máquinas categorizantes”, operadoras tanto de reificação e naturalização, quanto de relativização e desconstrução.

É disso que nos falamos as estimulantes contribuições a esta Mesa, como que a complementar, em nível empírico focado, a grandiosa institucionalização do próprio CLAM, descrita em detalhes na fala introdutória ao Seminário de seu diretor, Sergio Carrara.

A apresentação de Fabíola Rohden (2024), sobre “Gênero, saberes e intervenções médicas sobre a sexualidade: possibilidades de transformação e materialização das diferenças”, desvenda mais um capítulo do fascinante universo da obsessão da medicina com a chamada diferença sexual (assunto sobre o qual escreveu pelo menos dois belos livros), sempre na via de uma “substancialização da diferença”. Trata-se, neste caso, de duas frentes: a da “hormonização” da diferença, por meio da aplicação da “lógica da causalidade bioquímica” às chamadas disfunções sexuais; e a do desenvolvimento das “cirurgias estéticas íntimas” – universos em que se entrecruzam o mercado das remodelações da corporalidade, a “biomedicalização” e “farmaceuticalização” da sexualidade e a “administração bioquímica de si”. Sob todos os ângulos, verifica-se o avanço insopitável da institucionalização da biomedicina, recobrando, sempre mais, todos os veios da experiência humana; da elaboração infinitamente minuciosa e obsessiva da diferença sexual, e da consolidação do mercado de valores e serviços da pessoa moderna, dotada de correta estética corporal, de “qualidade de vida”, de “bem estar” e de “auto-estima” – mesmo que, como no caso das cirurgias íntimas, o saber seja relativamente irrelevante ou não determinante. A institucionalidade obedece aí à hegemonia de “biotecnologias de classificação e intervenção cirúrgica”, nos termos da autora – um imenso e lucrativo aparato moral e biomédico.

Mauro Brigeiro (2024), por sua vez, traz à mesa “A análise dos saberes especializados e tecnologias de intervenção nos estudos críticos sobre sexualidade”, comunicação em que enfrenta diretamente o que estou chamando de institucionalidade. Ao dizer que “o entranhamento social dos saberes sobre a sexualidade aponta não somente para os

fatores políticos concorrentes em seu processo de constituição, mas para seus efeitos produtivos”, o autor aponta para essa comutação do saber – subjetivamente construído – em uma materialidade “objetiva”; para “o que é feito”. Os saberes e as intervenções – como os da sexologia na Colômbia que estudou – atravessam os “domínios institucionais, profissionais e tecnológicos” relativos à sexualidade, produzindo e-feitos, fatos (a origem a partir de *facere* lhes é comum).

O autor evoca também a importância da “produção médico-psiquiátrica do século XIX”, no que tem sabidamente a máxima razão, pois lá se encontram os fios quase todos dos desenvolvimentos que nos trouxeram ao século XXI: sistemas de classificação; modelos de relação entre pessoa e sociedade; literatura clínica, etnográfica e programática; constituição de redes terapêuticas e universitárias; especialização disciplinar – com seus laboratórios, departamentos, carreiras, currículos, difusão internacional.

O próprio tema da “tradição X inovação”, que Brigeiro traz do campo colombiano da sexologia, é todo tecido de institucionalidades, o que não seria surpresa no concernente à “tradição”; mas também no que concerne à inovação – pois não temos mesmo no Brasil um ministério que inclui essa categoria em seu título? Não pode haver disposição de modernização, vanguarda, inovação, flexibilização, aggiornamento, renovação, se não houver mecanismos objetivados a carregar à frente os ideais da mudança.

É muito bom também que haja no texto a evocação das “sensibilidades, categorias e valores coletivos vigentes” à época de qualquer conformação de saberes e tecnologias, pois essas dimensões mais abstratas – que não são construídas em pedra e cal nem têm CNPJ – são também instituições elas próprias, portadas e atualizadas pelos agentes sociais com aquele efeito de autoridade que Bourdieu acolheu nas categorias do habitus e da hexis.

Com o que se chega às duas últimas apresentações, em que emerge a dimensão arrebatadora da construção de si como “institucionalidade”.

Jaime Barrientos (2024) apresenta um relato de sua carreira de pesquisador, emergente de uma situação original solitária e talvez indiscernível para uma condição plena, de consciência combinada de sua homossexualidade e de sua condição intelectual no Chile pós-ditadura. Os saberes são aí parte da trama de dispositivos quantitativos de pesquisa, de alianças institucionais complexas, de tramas de difusão que compõem a institucionalidade de uma trajetória pessoal, inteira de seus afetos e de suas ambições e de suas inquietações. Muito emocionante.

Segue-se o testemunho de Bruno Zilli, que, na mesma clave, evoca a longa experiência de membro do CLAM, trazendo com imensa emoção o sentido do que chamou de “uma relação para sempre”. A construção de uma memória que compõe formação pessoal, trajetória civil e carreira acadêmica é a chave de abóbada da instituição individual de “Bruno Zilli”, reconhecido à instituição “CLAM”.

Foi destarte – a partir dos saberes sobre a sexualidade – que se atravessou um vas-

to quadro de questões empíricas de primeira monta e de sensibilidades intelectuais do mais fino grão. Continua assim a sexualidade, essa instituição sobre que se debruçou Foucault com tanto tino, a nos inspirar a novas aventuras – contando com os próximos acolhedores, sensíveis e férteis oitenta anos da instituição CLAM/IMS/UERJ. Ao centenário!

Recebido: 01/08/2024
Aceito para publicação: 16/10/2024

Referências

- BARRIENTOS, Jaime. 2024. Devenir investigador (homo)sexual en América Latina. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Nº 40.
- BRIGEIRO, Mauro. 2024. Os saberes especializados e as tecnologias de intervenção como objetos dos estudos críticos sobre sexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Nº 40.
- ROHDEN, Fabíola. 2024. Gênero, saberes e intervenções médicas sobre a sexualidade: possibilidades de transformação e materialização das diferenças. *Sexualidad, Salud y Sociedad*. Nº 40.
- SIMMEL, Georg. 1971 [1908]. Subjective Culture. In *On Individuality and Social Forms*, edited by LEVINE, Donald N. Chicago: The University of Chicago Press.